

EDUCAÇÃO E TURISMO: ABORDAGENS EDUCATIVAS UTILIZADAS NO MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA/PR

Vitória da Silva Almeida¹

Carla Caroline Holm²

Resumo: O turismo apresenta um potencial pedagógico intrínseco, uma vez que propicia o contato direto com o “outro” e com distintas realidades socioculturais. Essa interação resulta em processos de aprendizagem relacionados a culturas, territórios e narrativas históricas diversas, tornando a prática turística também uma oportunidade de construção de conhecimento. Considerando essa interface entre o turismo e as aprendizagens em ambientes não formais, este estudo tem como objetivo analisar as abordagens educacionais adotadas pelo Museu do Holocausto de Curitiba/PR evidenciando de que maneira a experiência turística pode contribuir para a compreensão de temáticas históricas complexas, tal como o caso do Holocausto. Para tanto, foram realizadas: a) revisão bibliográfica sobre turismo pedagógico e educação não formal, com ênfase na aplicabilidade desses conceitos ao ensino da temática proposta; e b) incursões de campo no referido Museu, a fim de observar as estratégias de recepção e mediação desenvolvidas pela equipe institucional. Os resultados obtidos permitiram identificar que o espaço museal oferece uma experiência turística singular, capaz de promover aprendizagens que superam os limites das práticas educativas convencionais. A partir da articulação entre teoria e prática, conclui-se que o turismo, quando planejado com intencionalidade educativa, configura-se como uma relevante ferramenta de ensino e que é capaz de transformar a percepção e compreensão da realidade pelos sujeitos que o praticam.

Palavras-chave: Turismo; Educação não-formal; Ensino do Holocausto

INTRODUÇÃO

O turismo pode ser compreendido como um conjunto de atividades realizadas por indivíduos durante deslocamentos temporários e que saiam do cotidiano habitual daquele que o pratica (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2025). Tomando por base as motivações diversas possíveis, a atividade inegavelmente oportuniza o contato com “o outro” e, a partir de então, promove intercâmbios de diferentes ordens que enriquecem os sujeitos envolvidos em tais trocas.

Por possuir forte influência econômica nas realidades em que se dá, os estudos feitos dão conta de explicar sua importância e riscos, exigindo dos profissionais da área uma visão estratégica acerca de seus impactos para pessoas e localidades. Já

¹ Acadêmica do Curso de Turismo da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) *campus* de Campo Mourão. Bolsista de iniciação científica da Fundação Araucária. E-mail: vitorias605@gmail.com

² Doutora em Geografia, Mestre em Desenvolvimento Comunitário e Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO) *campus* de Irati. Professora do Curso de Turismo da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) *campus* de Campo Mourão. E-mail: carla.caroline@ies.unespar.edu.br

as discussões sobre seu caráter sociocultural buscam analisar como a atividade influencia na vida de comunidades receptoras e que riscos ou benefícios isto demonstra ter tanto na realidade vivida, quanto no futuro vindouro.

Sob esta última perspectiva, é possível afirmar que o turismo afeta diretamente a vida das pessoas e, diante deste contato com “o outro”, não há como evitar que estas trocas ocorram e agreguem na experiencição da atividade. Portanto, é possível inferir que o turismo, em certa medida, exerce um papel educacional importante porque, ainda que de maneira não-formal, ela proporciona aprendizagens sobre novas culturas, locais e histórias, por exemplo, que contribuirão inclusive para a formação cidadã das pessoas.

Sabendo de tais características, este estudo buscou descrever como se dá a visitação e as aprendizagens no Museu do Holocausto de Curitiba, um atrativo turístico que compõe a oferta da capital paranaense e que, por ter um caráter exclusivamente pedagógico, alia a experiência turística ao ensino sobre o tema em um formato que distingue-se daquele comumente utilizado para tal fim: em sala de aula, havendo papéis claramente definidos entre professores e alunos e cujo conteúdo comum está previamente definido em documentos orientadores da educação nacional (neste caso, obedecendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9394/1996). A escolha por discorrer sobre tal temática alinha-se à compreensão do próprio histórico do turismo, que nasce com a finalidade de preparar jovens burgueses para assumirem cargos de relevância em suas realidades, carecendo para tanto possuir uma bagagem de conhecimento só possível de ser adquirida, à época, por meio de viagens e sistemáticos contatos com “o outro”. Sendo o *Grand Tour* o marco inicial da história da atividade, na contemporaneidade se pressupõe ser importante retomar o olhar para esta função pedagógica da atividade para que ela possa se tornar uma aliada no processo de ensino-aprendizagem de conteúdos relevantes para a sociedade como um todo e, de maneira lúdica e que fuja do cotidiano tradicional, possa voltar a contribuir para a formação de uma consciência cidadã capaz de fazer leitura(s) do mundo e suas dinâmicas de funcionamento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi construída a partir de uma abordagem exploratória-descritiva e tem caráter qualitativo, pois o objetivo traçado buscou descrever as abordagens educacionais utilizadas pelo Museu do Holocausto de Curitiba/PR para

transmitir conhecimentos do tema ao seu público visitante. Para tanto, a coleta de informações foi dividida em dois momentos, sendo eles:

- Revisão bibliográfica: a partir da leitura e apreciação de textos voltados aos temas turismo pedagógico, educação não-formal e ensino do Holocausto; e
- Pesquisa exploratória: que envolveu incursões em campo para conhecer o espaço de memória em questão, bem como o planejamento e estruturação da equipe para atender ao público visitante, bem como educa-lo para a temática central a que se propõe.

De posse dos resultados, houve o cruzamento das informações teóricas e práticas para que juntas pudessem contribuir com as reflexões acerca do potencial que a atividade turística tem para ser mediadora de aprendizagens em ambientes não-formais de ensino.

1. O TURISMO E SEU CARÁTER PEDAGÓGICO HISTÓRICO

A atividade turística possui múltiplas formas de ser estudada, pois sua prática diária perpassa por questões que envolvem a economia, meio ambiente, sociedade, e/ou educação, apenas para exemplificar. Para fins deste estudo, se focará no turismo e seu caráter educacional, pois entende-se que a partir do contato com o outro e/ou com o diferente há diversas oportunidades de aprendizagens que figuram no campo da educação não-formal, ou seja, aquela educação que acontece fora dos muros das escolas ou de outras instituições formais de ensino (GOHN, 2006).

O *Grand Tour* é um marco histórico da atividade, pois nele os jovens burgueses saíam em longas viagens pela Europa para aprender sobre “o diferente” - culturas, línguas, artes, paisagens e realidades, por exemplo - além de socializar com outros burgueses com quem futuramente estabeleceriam relações comerciais, políticas, etc. (BARRETTO, 2002). Entendia-se à época que para ser um aristocrata ou líder era necessário dispor de capital intelectual e, para tanto, viajar e ter contato com este diverso colaboraria neste processo (BARRETTO, 2002).

Ainda que houvesse tempo dedicado ao lazer, tais viagens tinham como motivação principal o aprendizado, portanto, era pela via do turismo que se aprendia temas sensíveis e inerentes a um líder de excelência e desde então percebe-se este caráter educacional/pedagógico da atividade (ANDRADE, 2002; BARRETTO, 2002; SALGUEIRO, 2002).

Conhecendo brevemente esta relação histórica, é correto atestar que o turismo nasce com este caráter educacional e, ainda que práticas como a do *Grand Tour* não sejam comuns na atualidade, as aprendizagens possíveis a partir da atividade podem ser vistas nos mais variados segmentos existentes. Todos eles, de alguma forma, permitem o contato daquele que viaja com uma realidade distinta da vivida em seu cotidiano habitual e, neste sentido, o turismo segue sendo uma ferramenta/estratégia que pode contribuir com aprendizagens (RODRIGUES, ALVES, 2014) – trazendo como resultado a transformação das pessoas em termos cultural e intelectual, por exemplo, além de gerarem nestes indivíduos a sensação de prazer associada ao lazer e/ou descanso.

Embora as possibilidades de fruição e aprendizado pela via do turismo sejam múltiplas, na atualidade há um tipo de classificação/segmento exclusivamente denominado para caracterizar tal fim: o “turismo pedagógico”. Este segmento consiste em elaborar viagens que complementem o ensino escolar e habitualmente é praticado por grupos que buscam auferir/experienciar na prática o conteúdo teórico apreendido em sala de aula (RODRIGUES, ALVES, 2014).

No turismo pedagógico, o destino e roteiro de visita são comumente pensados pela equipe da instituição de ensino e vão ao encontro do conteúdo previsto na matriz curricular – respeitando-se a faixa etária do público, o tema a ser apreendido e a aderência do destino/atrativo àquilo que é repassado em sala de aula (RODRIGUES, ALVES, 2014). Ademais, no retorno da atividade habitualmente são utilizados mecanismos de avaliação que buscam mensurar o aprendizado dos participantes, colocando à prova a validade da experiência tida fora do ambiente formal de ensino/educação.

É possível atestar que outros segmentos para além deste pedagógico e praticado por instituições de ensino também oportunizam aprendizado ao indivíduo, pois ao sair do cotidiano habitual é inevitável que se tenha contato com novas realidades e sujeitos e – de forma orgânica e eventualmente não intencional – seja incrementada a bagagem de conhecimento sobre determinado destino, atrativo, tema e/ou cultura. Para Panosso Netto (2010), quando este encontro e trocas ocorrem é inegável o enriquecimento e alargamento de horizontes entre todos, pois a cultura e “o outro” podem ser percebidos e apreendidos a partir de estratégias que extrapolam as maneiras formais de ensino e podem se dar no cotidiano mais ordinário da vida das pessoas.

Sabendo disso, entende-se que as aprendizagens sobre algo ou alguém podem se dar das mais distintas formas quando o sujeito está praticando qualquer tipo de turismo, seja mediante participação em eventos, visitação aos atrativos das/nas localidades ou contato com as comunidades receptoras, apenas para fins de exemplo – não sendo necessária essencialmente a mediação de uma instituição de ensino neste processo, tampouco um formato engessado que posteriormente avalie e mensure como e se este aprendizado efetivamente ocorreu.

Dando ênfase ao conhecimento histórico-socio-cultural a ser adquirido, ele pode estar à disposição do consumidor/turista em todas estas possibilidades, contudo, em termos turísticos e para fins deste estudo, se descreverá a possibilidade de apropriação e uso em espaços museais – os quais será feita uma breve contextualização a seguir.

2. OS MUSEUS NO CONTEXTO DO TURISMO E O MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Os museus configuram-se como atrativos turísticos, porque detêm acervos capazes de traduzir a história e cultura de um povo e, além disso, são espaços capazes de conservar a memória e identidade dele. Com a ideia de categorização que não é única, tampouco estanque, Desvallées e Mairesse (2013) atestam que para o Conselho Internacional dos Museus (ICOM) os espaços museais podem ser divididos entre aqueles de cunho: histórico, de arte, ciência, temático ou outro e cada um deles, por uma razão específica, desperta atenção do público e gera interesse de visitação.

A contribuição social e turística dos espaços desta natureza vai além de exposição de acervos, pois independente do tema eles contam histórias, apresentam novas perspectiva de ler e compreender o mundo, preservam patrimônios históricos, promovem a identidade, educam e ainda fomentam a reflexão e a inclusão do saber para a sociedade. Para Menezes (2006) os museus são espaços edificadores e que auxiliam nos processos educativos, pois possuem a capacidade de materializar o conteúdo do aprendizado, traduzindo-o por meio de seu acervo e estratégias de interpretação dele.

Eles são equipamentos em que se conta um fragmento da história de um povo e, por meio dela, sensibilizam, educam de maneira não-formal e promovem a reflexão acerca do mundo em seus diferentes contextos. Além de serem considerados atrativos

turísticos por natureza, os museus dão o tom da atratividade de uma localidade e podem, a partir disso, orientar fluxos de visitantes/turistas e transformar suas percepções de realidade por meio do acervo disponibilizado para consumo.

Estes espaços de memória carregam de maneira orgânica o interesse de visitação, pois por meio de seu acervo colocam o turista em contato com algo que: a) faz parte do seu cotidiano de forma afetiva e vê-lo preservado aciona orgulho e serve de estratégia para a manutenção da memória, identidade e cultura; ou b) é algo oposto a isto, pois é diferente daquilo que o turista está habituado a ver e viver, foge da sua realidade e, portanto, é objeto/motivo de curiosidade, conhecimento e/ou admiração. Isto claramente acontece com o Museu do Holocausto de Curitiba/PR que se vale de seu acervo para contar sobre um acontecimento histórico pontual - portanto desperta o sentimento de pertencimento daqueles que com este fato se identificam - mas ao mesmo tempo, se vale deste mesmo acervo para contar uma história que mudou o curso da humanidade pela sua grandiosidade e incomparabilidade com qualquer coisa precedida ou posterior: a *Shoá*³, portanto, desperta curiosidade de/por conhecimento.

Criado em 2011, o Museu configura-se como um museu temático que se dedica à memória de um povo: o povo judeu (MUSEU DO HOLOCAUSTO, 2025). Desde a sua inauguração, o atrativo turístico da capital paranaense tem como proposta sensibilizar/educar seus visitantes para o tema homônimo e para isto utiliza-se de uma abordagem exclusivamente pedagógica, sendo que a aprendizagem sobre o Holocausto se dá a partir da perspectiva da vida que (r)existe mesmo diante das atrocidades ocorridas ainda no século XX.

2.1 As características do Museu do Holocausto e seu uso turístico

Conforme mencionado, o Museu do Holocausto de Curitiba foi criado em 2011 e foi o primeiro museu do Brasil a se dedicar à memória do tema; de acordo com o *site* institucional, desde a sua concepção, o objetivo foi proporcionar não apenas o contato do visitante com o acervo, mas promover, a partir disso, uma imersão no

³ Tradução do hebraico, significa calamidade; é também associada aos termos catástrofe e destruição, e serve para diferenciar o ato genocida praticado contra os judeus e outras minorias (ciganos, comunistas, homossexuais e deficientes, por exemplo) durante o governo nazista. Segundo o próprio Museu do Holocausto de Curitiba, existiram, e existem ainda nos dias de hoje, outros muitos Holocaustos, mas nenhum deles atingiu a marca de cerca de 11 milhões de mortes, dos quais estima-se que 6 milhões foram praticadas contra judeus. (HOLM, 2021)

contexto histórico do fato, valorizando a vida de vítimas e seus familiares e alertando sobre temas sensíveis e presentes na atualidade que se correlacionam em certa medida com aquilo que gerou tal acontecimento (MUSEU DO HOLOCAUSTO, 2025). Desde a inauguração, o Museu passou a compor a oferta de atrativos turísticos locais e motiva visitação tanto de grupos escolares, como membros da sociedade brasileira e internacional como um todo (MUSEU DO HOLOCAUSTO, 2025). As visitas, embora gratuitas, devem ser previamente agendadas e o funcionamento do Museu é conforme segue no quadro 01:

Quadro 01: Funcionamento do Museu e atendimento ao público

Dia	Horário	Tipo de visita	Canal de reserva
Segundas a quartas-feiras	Das 08h30 às 11h30 Das 14h30 às 17h30	Guiada e autoguiada	Site do Museu*
Quintas-feiras e sábados	Fechado	-	
Sextas-feiras	Das 08h30 às 11h30	Guiada e autoguiada	
Domingos	Das 09h às 12h	Guiada e autoguiada	

* <https://www.museudoholocausto.org.br>

Fonte: Organização própria, 2025.

De acordo com a equipe pedagógica do atrativo⁴, além do acervo permanente, o Museu constantemente organiza exposições itinerantes dentro e fora do seu espaço, com o intuito de estender o conhecimento acerca do Holocausto a mais pessoas e demonstrar ao público, a partir de diferentes temáticas correlatas, a necessidade de entendimento do assunto para evitar que novos horrores como este sigam acontecendo na atualidade. Estas exposições tratam direta e indiretamente de assuntos como: discursos de ódio, preconceito, minorias e a preservação de seus direitos, resiliência e defesa dos direitos humanos para todos, por exemplo, temas estes que se relacionam diretamente com o Holocausto e como ele foi aos poucos se inserindo e naturalizando na sociedade europeia do século XX.

Tal como o atrativo em si, as redes sociais do Museu contam histórias de vítimas e sobreviventes do Holocausto e reforçam o papel educativo que o equipamento tem. Nelas destaca-se a valorização da vida e (r)existência e, para isto, as publicações não focam em fotos do local ou demonstrações do acervo, mas sim na

⁴ Durante a visitação para coleta de dados e registro de campo ocorrida em dezembro/2024.

narrativa de pessoas que fizeram parte deste processo e – cada uma a seu modo – se tornou agente de transformação da sociedade e servem como referencia de/para o aprendizado.

Atualmente, os canais de informação do atrativo apresentam os dados conforme segue no quadro 02, e em todos eles se busca fortalecer os discursos associados ao lema “por toda a vida vamos lembrar” – chamando atenção do seu público para o aprendizado sobre o tema, mas sobretudo, para práticas efetivas que evitem a repetição de tal acontecimento.

Quadro 02: Comunicação educativa e turística do Museu do Holocausto nas redes sociais

Rede social	Número de seguidores	Tipo de conteúdo
Instagram @museudoholocausto	60 mil (em maio/2025)	Histórias de vida; conteúdos históricos; indicações de conteúdos de/para estudo; etc.
Facebook Museu do Holocausto de Curitiba	68 mil (em maio/2025)	Histórias de vida; conteúdos históricos; indicações de conteúdos de/para estudo; etc.
X @MuseuHolocausto	45 mil (em maio/2025)	Comentários de notícias; notas de esclarecimento; material educativo sobre o tema; etc.
TikTok @museudoholocausto	33,9 mil (em maio/2025)	Histórias de vida; divulgação de exposições; teasers de programas de TV; material educativo sobre o tema; etc.

Fonte: Organização própria, 2025.

Diante do exposto, percebe-se que o Museu do Holocausto é um atrativo turístico de Curitiba ao mesmo tempo que é uma ferramenta de ensino para aqueles que visitam seu espaço e acervo. A experiência turística no local torna-se diferenciada, porque a mediação do conteúdo se dá de diferentes formas e ao longo das 2h de visita pode-se adquirir conhecimento não apenas sobre o Holocausto, mas sobre outros temas que conversam diretamente com o assunto e – eventualmente não percebidos – estão presentes na sociedade atual.

É com isto dizer, que o Museu educa para o assunto, mas também fomenta a reflexões que podem auxiliar no processo de construção de cidadania e tudo isto de uma maneira distinta daquela aprendizagem do assunto tida em sala de aula e obedecendo formas tradicionais de educação. Aliando turismo e educação, o atrativo consegue inserir o visitante na história, contar os acontecimentos fazendo correlações com a atualidade, além de promover a responsabilização sobre as atitudes de cada um diante dos acontecimentos do presente.

2.2 Sobre a visitação no Museu do Holocausto de Curitiba e as possíveis aprendizagens sobre o tema

No Museu de Curitiba, a visitação é aberta ao público e sua mediação é feita por profissionais que, além de dominarem do assunto condutor, convidam o visitante a participar da construção da narrativa de cada momento histórico-social: períodos que precederam a II Guerra Mundial e Holocausto e reflexões sobre a presença de tais ações e resultados ainda nos dias atuais. Conforme mencionado, para que se tenha acesso ao atrativo é necessário o prévio agendamento e com ele feito, no dia e horário de marcados haverá uma equipe disponível para receber o visitante.

Na entrada do Museu o turista recebe instruções de como se comportar dentro do espaço, uma vez que o atrativo é apenas um dos muitos equipamentos que compõe a comunidade judaica de Curitiba (imagem 01) e o respeito às demais pessoas e instituições deve se impor a todo momento. Passado este momento de recepção e ambientação sobre o espaço, os visitantes seguem por um caminho onde tem contato com a exposição fotográfica “Feitos e efeitos” que apresenta personalidades judaicas importantes para a história da humanidade, tais como Anne Frank, Hannah Arendt, Sigmund Freud, Clarice Lispector, Ralph Lauren, entre outros.

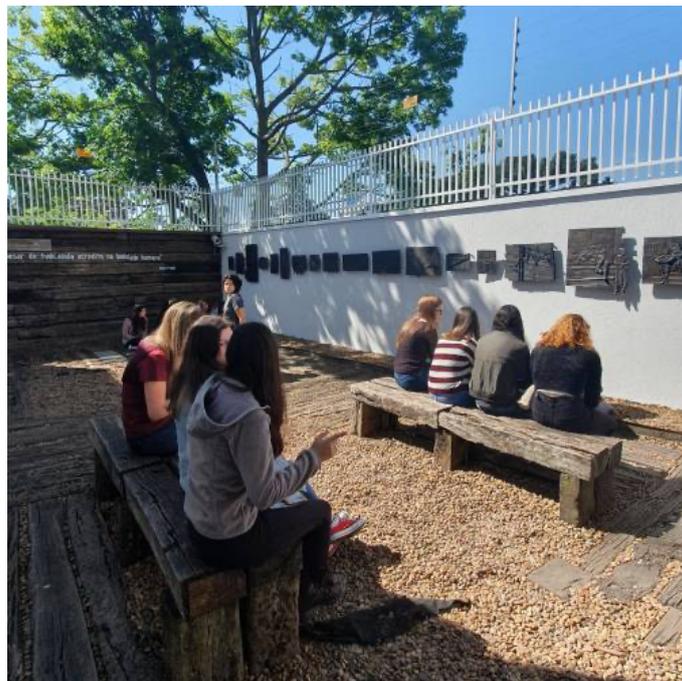
Imagem 01: Entrada do complexo judaico da comunidade curitibana onde se encontra a entrada do Museu do Holocausto



Fonte: Divulgação na internet, 2025.

Já no Museu em si, os turistas começam a ser introduzidos ao tema a partir do momento em que – ainda na área externa dele (imagem 02) - o mediador da visita instiga à participação questionando o conhecimento preliminar tido sobre o Holocausto. A partir das respostas fornecidas na interação, é ressaltado que o Holocausto não é um fato isolado, mas sim um processo histórico que teve seu início antes da II Guerra Mundial – considerada a consumação do nazismo na Alemanha e estopim dos resultados vistos e sentidos pelas comunidades judaicas e de outras minorias que foram afetadas pelos atos cometidos à época, tais como negros, deficientes, comunidade cigana e LGBTQIAPN+, entre outros.

Imagem 02: Área externa do Museu do Holocausto e espaço de socialização e ambientação ao tema



Fonte: Museu do Holocausto, 2025.

Para trazer o visitante à responsabilidade do seu papel como sujeito social na atualidade, os mediadores fazem a leitura de um poema que fala justamente sobre todas as formas de resistência durante o período, a importância da consciência coletiva e da tomada de atitude para evitar que atrocidades como esta voltem a se repetir. Já ambientados e imersos no contexto tratado, os visitantes são levados para o interior do Museu que é constituído por 7 salas, conforme quadro 03, e em cada

uma delas tem contato com um período que retrata o Holocausto – seja antes, durante ou depois da II Guerra Mundial.

Quadro 03: Organização temática da visitação no Museu do Holocausto de Curitiba

Sala	Tipo de acervo e uso para abordar o tema
Sala 1: Contextualização histórica do Holocausto	Esculturas que retratam o acontecimento e relatos de formas de resistência contra o ódio e a maldade.
Sala 2: A fuga diante do crescente preconceito	Depoimento em vídeo e exposição de fotos de sobreviventes que fugiram para o Brasil durante o século XX
Sala 3: O início das perseguições declaradas	Pilhas de livros e malas, materiais que tratam da Noite dos Cristais e reprodução de cartazes que foram divulgados com fins de manipulação da opinião pública
Sala 4: A vida cotidiana nos Guetos e resistência	Ítems de uso cotidiano de vítimas e sobreviventes do Holocausto, exposição de mapas que indicam onde estes guetos eram construídos e exposição de materiais que ajudaram no levante e resistência dos sujeitos
Sala 5: “Justos entre as Nações”	Lista impressa em tecido que homenageia as pessoas que arriscaram suas vidas de alguma forma para salvar as vítimas do Holocausto e quadros com algumas personalidades importantes para a história
Sala 6: Sala de depoimentos	Telão onde se reproduzem os relatos das pessoas que sobreviveram e conseguiram migrar para o Brasil; tablet em que podem ser escolhidos testemunhos para serem vistos e ouvidos; e mapas dos países que acolheram estes sobreviventes e suas famílias ao redor do mundo
Sala 7: Holocaustos contemporâneos	Exposição fotográfica e com recursos de interpretação que compara atrocidades contemporânea que violam os direitos humanos, fazendo relação com o Holocausto.

Fonte: Organização própria, 2025.

O uso de diferentes recursos para auxiliar na compreensão do assunto (fotos, vídeos, itens de uso pessoal, narrativas expressas pelos mediadores, mapas, áudios, etc) demonstra o comprometimento do Museu em tentar alcançar seu público e efetivamente promover nele uma mudança de comportamento a partir do conhecimento do tema. A visita mediada tem duração de aproximadamente 2h e ao longo de todo o período há trocas entre os visitantes e equipe e é estimulada a participação não apenas da construção da narrativa sobre o Holocausto, mas também a reflexão se não são presenciadas atitudes semelhantes na atualidade e que carecem de atenção para que outros holocaustos não ocorram. Ao término da visita

mediada, os sujeitos ainda são deixados livres para revisitar as salas e – agora com algum tipo de narrativa construída – eventualmente fazer uma nova leitura do acervo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comumente faz-se a associação do turismo apenas com o lazer e entretenimento e não raras vezes deixa-se de lado a compreensão histórica do seu papel educacional e o estímulo para pensar que este, de diferentes maneiras, talvez seja o cerne dos deslocamentos voltados à atividade desde um princípio. Na contramão disso, diante do exposto foi possível perceber que o Museu do Holocausto de Curitiba tem importante papel no direcionamento de fluxos da capital, mas para além disso atua como um equipamento capaz de ensinar sobre uma determinada temática de uma forma distinta daquela empregada em sala de aula.

Por ter um papel pedagógico na sua essência, desde 2011 o Museu tem conseguido provocar aprendizagens sobre o Holocausto e temas correlatos associando a isto o lazer e entretenimento à educação não-formal. Panosso Netto (2010) atestou que as experiências turísticas de um modo geral permitem trocas e que a partir delas é inerente o conhecimento sobre algo ou alguém e o objeto do presente estudo comprovou isto, pois, a partir de múltiplos recursos de interpretação patrimonial o Museu estudado oferece ao público visitante aprendizagens sobre uma parte da história da humanidade sem que para isto lance mão de estratégias convencionais de aprendizagem.

Ainda que os fluxos turísticos do atrativo não necessariamente sejam vinculados ao turismo pedagógico, é possível afirmar que a estada no local promove sensibilização para o tema e aprendizado – sob uma nova perspectiva – sobre o Holocausto e tudo aquilo que esteve envolvido em seu processo ao longo dos anos e como isto impacta/influencia ainda na atualidade. Construída a narrativa da visita a partir da valorização da vida, os turistas/visitantes podem aperfeiçoar o conhecimento do tema e podem ser sensibilizados para ele a partir de uma experiência turística – deste modo, é inevitável que, pela via do turismo, o sujeito volte para seu cotidiano habitual modificado, transformado e/ou com a bagagem sociocultural mais pesada.

A partir das descrições feitas, é possível notar o exercício do papel do Museu do Holocausto para o trabalho de ensino-aprendizagem, portanto, ele cumpre atua

efetivamente como um espaço turístico, mas também edificador e transformador da sociedade que consome seu acervo e conteúdo – indo ao encontro daquilo que Menezes (2006) atestou ser papel de um equipamento desta natureza.

Cabe ressaltar que o Museu do Holocausto de Curitiba é o primeiro Museu do Brasil a tratar deste assunto, mas ultrapassa a temática central ao suscitar reflexões importantes para a construção de cidadania e vida em sociedade e, em sendo assim, ainda que seja um atrativo turístico que enriquece a oferta cultural da capital paranaense, ele não perde de perspectiva seu caráter pedagógico e histórico-cultural. Diante disso, se autores como Andrade (2002), Barretto (2002) e Salgueiro (2002) afirmaram que o turismo tem em sua origem esta raiz educativa e na prática foi possível ver isto acontecendo no Museu do Holocausto por meio de diferentes recursos de interpretação patrimonial – o que destaca o papel integrado que turismo e educação exercem na experiência do visitante.

Se utilizar do turismo para educar e se utilizar da educação para proporcionar experiências marcantes nos sujeitos, portanto, pode ser também uma forma de democratizar o acesso ao conhecimento e ao lazer, além de ser uma maneira de contribuir para a formação sociocultural e cidadã das pessoas de formas que extrapolam aquelas tradicionais e comumente utilizadas em ambientes formais de ensino. Entende-se, portanto que as experiências acumuladas no decorrer da vida e proporcionadas também pela via do turismo podem moldar não apenas o saber, mas também a construção crítica e reflexiva dos indivíduos de acordo com a interpretação dos fatos conforme a realidade do mesmo e isto pode ser comprovado ao se apresentar o caso do Museu temático da capital paranaense em questão.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 2002.

DESCALLÈES, Anne; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo; Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. **Anais I Congresso Internacional de Pedagogia Social**. Março 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/>. Último acesso em abril/2025.

HOLM, Carla Caroline. Territorialidade Judaica em Curitiba/PR: dinâmicas coletivas a partir da Kehilá. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), 2021. Disponível em: <https://www3.unicentro.br/ppgg/dissertacoes/#1708972646621-429b3ce1-78d8>. Último acesso em abril/2025.

MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA. *Site* institucional. Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/educacao/>. Último acesso em maio/2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. *Site* institucional. Disponível em <https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>. Último acesso em abril/2025.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

RODRIGUES, Emanuelle. ALVES, Kerley dos Santos. Turismo Pedagógico: busca por novos significados para a escola. *Revista Cenários*, Brasília, vol.2, n.3, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/18407>. Último acesso em maio/2025.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003>. Último acesso em abril/2025.